



CÍRCULO DE CULTURA NA EJA: DIÁLOGOS BASEADOS NA ECOPEDAGOGIA

Soraia Sales Baptista da Costa Machado ¹; Maria Sacramento Aquino²

¹ Mestranda em Educação de Jovens e Adultos – UNEB, Coordenadora da Rede Municipal de Educação em Salvador em EJA. Membro do Grupo de Pesquisa – Formação autobiografia e políticas públicas em EJA. E-mail: sosales21@gmail.com

² Dr^a em Educação pela UFRN/RN/Natal, Prof^a Titular da Universidade do Estado da Bahia – UNEB com atuação no Curso de Pedagogia e no MPEJA. Membro do grupo de pesquisa – Formação autobiografia e políticas públicas em EJA. E-mail:

aquinomaria@yahoo.com.br

EIXO TEMÁTICO 1: CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

RESUMO

O presente texto traz uma proposição reflexiva sobre o Círculo de Cultura como uma proposta metodológica fecunda e legítima no espaço educativo, com o intuito de ampliar os conhecimentos em torno deste, enquanto vivência cultural, política, educativa e dialógica no âmbito da EJA; sobre a Ecopedagogia como um novo paradigma em educação; sobre a EJA, buscando cada vez mais aproximar-se das suas especificidades para melhor compreendê-la e nela atuar; sobre o diálogo, em todo o percurso, destacando-o como eixo, na constituição e articulação do processo educativo, na perspectiva de intervenção na vida cotidiana dos sujeitos implicados na EJA enquanto cidadãos planetários. A caminhada investigativa e reflexiva foi realizada numa abordagem qualitativa, através de uma pesquisa bibliográfica, tendo como suporte teórico, os autores Paulo Freire, Moacir Gadotti, Francisco Gutierrez, Cruz Prado, Carlos Frederico Loureiro, José Eustáquio Romão.

Palavras-chave: Círculo de Cultura na EJA; Diálogo; Ecopedagogia.

ABRINDO O “CÍRCULO”

A produção de conhecimento na concepção freireana é um processo de busca que inquieta permanentemente. A problematização tem um papel fundamental nessa caminhada. Colocamos então, como ponto de partida, uma proposição reflexiva nascida de indagações: O Círculo de Cultura é uma proposta metodológica fecunda e facilitadora para os diálogos na EJA com base na Ecopedagogia? Seriam esses diálogos propulsores da investigação nesta modalidade e uma contribuição para a construção da cidadania planetária?

Sem a pretensão de apresentar conclusões definitivas e fechadas, intentamos responder a essas inquietações num percurso, por ora escolhido, como uma possibilidade de nos aproximarmos mais de uma proposição metodológica freireana, ainda pouco difundida e aplicada na EJA como nos demais contextos educacionais.



Nesta empreitada, iniciaremos abordando alguns aspectos fundamentais na proposta do Círculo de Cultura, extrapolando amarras e aprisionamentos que o reduzam a uma técnica ou atividade pedagógica, para entendê-lo como espaço educativo dialógico, conscientemente político, propositivo de um contexto de aprendizagem mútua e coletiva.

Para melhor situar essa vivência, traremos algumas especificidades da Educação de Jovens e Adultos, numa convocação de um olhar com maior sensibilidade e criticidade sobre seu cotidiano, seus sujeitos e os aspectos que o caracterizam.

No eixo da reflexão, colocaremos o diálogo, entendendo-o como articulador fundamental na construção de novos paradigmas nos conceitos de educação e aprendizagem, abordando conhecimentos relacionados à Ecopedagogia e à cidadania planetária, como também algumas ações e possibilidades significativas relativas a essas concepções e práticas na busca de sociedades sustentáveis.

Na escolha bibliográfica, pautamo-nos em Freire (2011), que coloca nesta etapa a importância da intencionalidade de despertar o desejo de aprofundamentos. Com este olhar e implicação, optamos como referenciais teóricos - por que não dizer referenciais da prática - que expressam em sua trajetória de vida, pesquisa e postulação, uma concepção orgânica, por isso, legítima: Paulo Freire, Moacir Gadotti, Francisco Gutierrez, Cruz Prado, Carlos Frederico Loureiro, José Eustáquio Romão. Suas contribuições não somente trazem a fundamentação teórica, mas, sobretudo, a sustentação na sua própria vivência, na sua práxis.

Intentar em todo percurso reflexivo, confirmar o “pronunciar o mundo” na clareza de ser possível transformá-lo, atuando diante das “situações-limites” de um mundo globalizado com “atos-limites” como respostas transformadoras na busca de uma visão planetária para a construção de um mundo melhor.

ADENTRANDO NO CÍRCULO DE CULTURA: ASPECTOS FUNDAMENTAIS

Diante da indagação inicial, provocativa e convocatória, é preciso adentrar aos aspectos fundamentais do Círculo de Cultura, enquanto proposta metodológica, baseada na concepção freireana que norteia e sustenta seus pressupostos teóricos “a fim de contribuir na reflexão acerca de seus usos” (LOUREIRO e FRANCO, 2014, p.156).



Ampliar a visão e discussão para além de atividades coletivas de diálogos entre sujeitos, para não restringi-lo a uma técnica ou uma ação pedagógica sem uma sustentação teórico-metodológica que o diferencie em seus propósitos e concretizações, na compreensão de que se constitui num espaço educativo que tem o eixo no diálogo, conscientemente político, pautado na construção da consciência crítica de mundo dentro de um contexto dinâmico, de interação e acolhimento facilitador de aprendizagens mútuas e coletivas.

Sem respostas definitivas, mas em investigações reflexivas, abordar aspectos fundamentais e fundantes como horizontalidade dos saberes, consequentemente, de falas e escutas; interação e ação coletiva; mediação democrática, tendo educadores como animadores culturais, instigadores e provocadores de novos saberes; processo de aprendizagem como ação-reflexão-ação contínua, na perspectiva de uma educação emancipatória, verdadeiramente libertadora. ´

A escolha por esta abordagem metodológica aparece no princípio, pautada em princípios da pedagogia freireana, como também a partir de questões instigadoras: Por que optar pelo Círculo de Cultura? Novamente o perguntar-se, pois, problematizar é, fundante e fundamental para uma prática comprometida com a consciência crítica e autônoma dos sujeitos nela envolvidos. O que legitima o Círculo de Cultura como prática no espaço educativo, especialmente na Educação de Jovens e Adultos? A consciência e autonomia, essenciais na visão de Freire, devem estar presentes desde o início, na clareza das escolhas envolvidas, não apenas no fazer do planejar, mas, sobretudo, nas intencionalidades.

Os questionamentos são propulsores de muitas elaborações, dentre muitos aspectos a serem abordados, propomos refletir sobre alguns que consideramos importantes, cômicas de que, pela vastidão e complexidade da temática a que nos propusemos investigar, possibilitaria análises e considerações mais aprofundadas.

Como dito anteriormente, o que se intenta deve estar explícito aos sujeitos envolvidos, para que se legitimem como sujeitos, sejam educadores-educandos, sejam educandos-educadores. O entendimento e o uso do Círculo de Cultura como articulador e instigador na construção da leitura crítica de mundo, da democratização dos saberes, de uma educação emancipatória, no entendimento consciente de que a dimensão política do ato educativo precede à dimensão pedagógica.



O que fazer então, em termos práticos, para que a democratização dos saberes aconteça de forma dialógica?

Retomemos a opção pelo círculo, por um aspecto aparentemente sem importância, entretanto, merecedor de um olhar atento e mais aprofundado: sua forma e seu próprio nome. Como coloca Rodrigues (2011), não parecem escolhas ao acaso, sua configuração espacial provoca uma sensação de movimento contínuo, como também facilita a aproximação entre as pessoas, traz um caráter de encontro, possibilita a visão face a face que favorece a expressão de todos e o olhar sobre cada um, “o olho no olho”. A palavra historicamente vem sendo utilizada na denominação de grupos de estudo e reflexão e sua definição associada à relação entre dois termos e à reciprocidade entre eles.

O círculo instalado em uma proposição na qual o diálogo verdadeiramente aparece como eixo, não se poderia pensar numa disposição de carteiras enfileiradas com um professor à frente a se colocar em posição de destaque, a falar para os alunos e não com os alunos. A horizontalidade dos saberes, fundante nessa abordagem, já estaria comprometida em sua prática, assim como, a interação e ação coletiva. Em sua forma e dinâmica, possibilita a construção de vínculos e partilhas fecundas. Entretanto, este olhar não deve se restringir a uma simples orientação técnica, superficial, a ser aplicada, é preciso uma concepção e internalização mais aprofundada de escolhas como esta para que se compreenda a intencionalidade impregnada no ato. O explícito não apenas revela o implícito, como também o influencia.

Com este mesmo olhar sobre a necessidade de garantir o espaço dialógico, é importante atentar para um ponto articulado à organização do espaço, que é a posição em que se coloca e se vê o professor neste contexto, no seu papel enquanto educador-educando. Ao reconhecer o aspecto espacial, como elemento significativo, em seu significado, não podemos simplificar um ponto de especial importância como a mediação do professor dentro do processo.

Contrapondo-se à ideia de verticalidade dos saberes, na qual o professor aparece como detentor do conhecimento, temos no Círculo de Cultura o animador cultural que se coloca como coordenador do diálogo, instigador e articulador da comunicação democrática, sem a monopolização de falas, categorização de saberes, como superiores



e inferiores, ou mesmo, a expectativa de que as perguntas devem ser respondidas imediatamente e aprisionadas em verdades únicas.

Distanciado da perspectiva de uma metodologia com procedimentos rigidamente sequenciados, e sim, aberto à contribuição de diversas leituras de mundo, constitui-se num espaço de diálogo, conseqüentemente de problematização e contradições, propulsor da postura investigativa, pesquisadora com vistas à intervenção por almejar a transformação e não meramente a constatação.

Ao contextualizar a prática problematizadora e dialógica, em contraposição à educação bancária, Freire (2014, p.142) coloca “a tarefa do educador dialógico é, trabalhando em equipe disciplinar este universo temático recolhido na investigação, devolvê-lo como problema, não como dissertação, aos homens de quem recebeu”.

Como animador cultural, o papel do educador não fica reduzido ou simplificado, torna-se mais desafiador e complexo, por exigir continuamente o processo de conscientização na ação, no desenvolvimento da sua função, numa prática de intervenção que contribua para a transformação de pessoas em seu processo de humanização, constituindo-se cada vez mais gente, inclusive para si próprio no seu processo de formação continuada.

A desafiadora tarefa do professor, como animador cultural, de articular problematização, investigação e intervenção tão significativas nesta proposição tem como ponto de partida esse universo temático coletado no coletivo do círculo de cultura, através de palavras e temas geradores contextualizadas em unidades epocais¹, na interação entre educandos e educadores, numa vivência interdisciplinar. Problematizar o universo temático, as palavras geradoras advindas da postura pesquisadora e instigadora, com a consciência da riqueza de saberes presentes numa relação dialógica horizontal.

Para a conquista legítima de tal intento, para o pronunciamento do mundo, segundo Freire (2014), o diálogo é uma exigência existencial, no encontro do refletir e do agir dos sujeitos num mundo a ser transformado e humanizado, não podendo

¹ Segundo Freire uma unidade epocal se caracteriza pelo conjunto de idéias, de concepções, esperanças, dúvidas, valores, desafios, em interação dialética com seus contrários, buscando plenitude. A representação concreta de muitas destas ideias, destes valores, destas concepções e esperanças, como também os obstáculos ao *ser mais* dos homens, constituem os temas da época. FREIRE, Paulo: Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2014, p. 128 e 129.



restringir-se a um ato de depósito ou simples troca entre sujeitos sem o compromisso com a transformação, tampouco, de imposição ou doação de ideias ao outro, mas sim um ato de criação mútua e coletiva.

Nessa autêntica tecitura de saberes, na qual as pessoas se veem como sujeitos do seu pensar e compreendem a importância do pensar do outro para si e para o mundo e do poder da articulação desses conhecimentos e atos, uma nova construção de práticas educativas vai se concretizando, como também a construção de um mundo melhor. Explicita-se assim, a perspectiva de uma proposta que se compromete a desenvolver possibilidades de conscientização, além do seu aspecto educacional, do aspecto político no qual está inserida, distanciado de qualquer falsa proposição de neutralidade, implicado na práxis educativa, pois do contrário não poderia objetivar transformações através da sua prática.

Na trajetória investigativa sobre o Círculo de Cultura fundamentada nos pressupostos freireanos, entendemos ser esta uma proposta metodológica mais coerente com o contexto educacional na proposição de uma educação crítica e libertária, especialmente e Educação de Jovens e Adultos, constituída por sujeitos detentores de saberes significativos construídos numa caminhada de vida já experienciada.

DIALOGANDO COM A EJA E SUAS ESPECIFICIDADES

Na continuidade do diálogo proposto, ressaltamos mais uma vez, o segmento educativo a que estamos nos referindo, por entendermos ser importante trazer a reflexão e provocação, destacando o foco na EJA, convidando a um olhar diferenciado sobre seus contextos e suas especificidades.

Para fazê-lo de forma mais abrangente, como sugere Freire (2008), é importante situá-la dentro da concepção de Educação Popular, trazendo a convocação aos (às) educadores (as) à sensibilidade, competência científica e compreensão crítica desta realidade, das suas características e dos seus sujeitos, mediante as exigências da cotidianidade. Desta forma, a prática educativa poderá ser vivenciada numa abordagem mais democrática e coletiva, com a clareza de que a EJA vai além dos muros da educação escolarizada.



Extrapolar os limites e amarras dos procedimentos, técnicas, conteúdos, materiais e tudo mais que compõe o ambiente escolarizado exige que a educação seja entendida, especialmente a EJA, na riqueza do seu cotidiano. Essa compreensão demanda dos educadores a leitura crítica de mundo, capaz de enxergar para articular aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais, junto aos educacionais, a fim de promover legitimamente a aprendizagem pretendida e necessária aos seus sujeitos, que no percurso da vida tiveram o direito negado do acesso ao conhecimento sistematizado.

Fundamentadas no pronunciamento de Freire (2014) que coloca o diálogo na educação como prática de liberdade, convocando a uma mediatização democrática na qual todos os sujeitos envolvidos são partícipes da tematização dos diálogos, dos conteúdos abordados, entendemos ser EJA um contexto profícuo para reflexões e ações voltadas para o desenvolvimento da sustentabilidade e a formação da cidadania planetária, considerando que seus sujeitos trazem em sua bagagem conhecimentos de vida a serem compartilhados.

Para que esse diálogo ocorra na perspectiva da horizontalidade de saberes freireana, é fundamental o respeito às suas construções, aos seus saberes, à sua cultura. Ter como ponto de partida o local para o global, considerando a heterogeneidade de histórias, que traz a rica diversidade, que também representa um desafio, neste contexto educativo. Reafirma-se aos educadores e educadoras a convocação de mergulhar nessa realidade, entendendo-se também como educando, aberto às aprendizagens também necessárias ao seu próprio processo de construção de cidadania planetária.

A proposição de mergulhar, como engajamento e implicação jamais pode ser confundida com um aprisionamento ou acomodação aos conhecimentos já construídos. Reconhecer-se com uma identidade própria, sem negligenciar ao direito dos educandos da EJA ao acesso e a conquista de saberes que compõem o mundo intelectualmente, socialmente, culturalmente e por que não dizer, educativamente valorizado. Para assim, podermos declarar com legitimidade, a prática de uma educação emancipatória.

Ao escolher o diálogo como eixo do processo de aprendizagem proposto, para maior clareza e compromisso com a intervenção e aprendizagem pretendida, convém lembrar Barcelos (2006) que nos alerta a não esquecer que os educandos(as) da EJA, em quase sua totalidade, foram vozes silenciadas por tanto tempo em suas vidas, que tornaram-se invisíveis e impregnadas, na sua maioria, da crença de que não têm



capacidade de aprender e que o tempo para isso já acabou para elas. Ele também acrescenta afirmando que essas representações construídas histórica e culturalmente podem ser passíveis de re(des)construções, na medida que os(as) educadores(as) se disponham a ouvir, sentir e valorizar essas vozes.

Em contraponto a este silenciar emudecedor, resultante da opressão e da injustiça, sustentado na negação de direitos, é que trazemos o diálogo como o anunciar freireano que não apenas denuncia, mas aponta e se implica na transformação. A convocação é para a participação de todas as vozes, numa vivência dialógica que possibilite que os oprimidos construam o seu empoderamento e a sua emancipação enquanto sujeitos, conscientes e implicados na sua cidadania planetária, como qualquer outro homem ou mulher habitante do Planeta Terra.

O Círculo de Cultura como abordagem de pesquisa na EJA, dentro de um processo de transição paradigmático da sociedade e da escola, articulado com a concepção de escola cidadã e com a pedagogia da práxis, pode representar uma prática pedagógica de promoção a uma caminhada construtiva e constitutiva no processo de formação da cidadania planetária, entendida nessa perspectiva como para todos os sujeitos, em destaque, os sujeitos da EJA, em seu processo de humanização na relação com o planeta Terra, Nossa Casa.

ECOPEDAGOGIA: O DIÁLOGO COMO EIXO NA CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PARADIGMA

*“Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...”*
Fernando Pessoa

Na confirmação do diálogo como eixo de articulação, transformação e democratização de saberes e fazeres, ao tempo que trazemos Pessoa para o debate, sensibilizando o olhar no viés poético, sem prescindir da criticidade e da profundidade, também trazemos Gadotti, Gutiérrez, Prado, Loureiro e Freire no intento de uma reflexão pautada em aproximações investigativas que apontam para uma percepção mais ampliada do mundo a partir do olhar sobre nós mesmos. Naturalmente, contextualizando este debate para o contexto educativo da EJA, no qual estamos



engajadas e comprometidas na perspectiva da práxis pedagógica, que implica em processo de transformação.

Em concordância com Freire (2014, p.107), de que “não há palavra verdadeira que não seja a práxis” e esta sim, capaz de transformar o mundo, entendemos que, ao optarmos pelo Círculo de Cultura numa concepção de educação problematizadora, trazemos também o diálogo como um eixo e um convite de encontro entre homens e mulheres para o saber e o agir no coletivo num processo de humanização pautado na concepção de sustentabilidade, inadiável na contemporaneidade. Assim concebido, necessário no contexto escolar que vem sendo convocado cada vez mais a derrubar seus muros e barreiras para se configurar legitimamente como espaço de vida.

O desafio está posto, o apelo ao repensar, ressignificar, rever, refazer, está diante de todos, especialmente, dos educadores e educadores de toda a parte, em todo o planeta. Como coloca Gutiérrez (2013, p.32) “abandonar o paradigma que presidiu nosso agir até o momento significa, por isso, apoderar-se de espaços inéditos que requerem novas respostas em todos os âmbitos: político, econômico, cultural, educativo e outros”.

Distante de qualquer possibilidade contraditória de ser confundida como um modismo, a resposta a ser construída nessa caminhada visa o desenvolvimento sustentável e a formação da cidadania planetária, no entendimento de ser fundamental para a vida na Terra, concebida como a casa de todos e de cada um de nós. Conscientes de que essa implicação não envolve e responsabiliza tão somente os espaços educativos e os sujeitos neles inseridos, mas a diversos outros âmbitos, contudo, sabendo ter esses espaços um papel fundamental, do qual não poderá se isentar, e sim, colocar-se de forma engajada e comprometida com a necessária transformação.

Buscamos então, um entrelaçamento das novas proposições paradigmáticas com a proposta metodológica dos Círculos de Cultura na EJA como uma prática a ser efetivamente e amplamente vivenciada, na rigurosidade necessária, com uma abordagem educativa pautada na Ecopedagogia. A compreensão da realidade cotidiana e de si mesmo como sujeito nela inserido, na concepção dessa pedagogia que promove a aprendizagem voltada para o sentido das coisas, no ato de educar impregnado de sentidos nas suas práticas e ações cotidianas, como coloca Gutiérrez (2013). Também



afirma que a cidadania ambiental e a cultura de sustentabilidade serão resultantes desse fazer pedagógico, na busca da promoção das sociedades sustentáveis.

Nesse processo de busca, diante de e inseridos num mundo globalizado, ter uma consciência ecológica representa uma necessidade, o que significa, segundo Gadotti (2000), olhar e pensar diferente sobre o mundo nas suas relações e estruturas. E a formação dessa consciência está diretamente ligada à educação. Daí o surgimento da Ecopedagogia, uma pedagogia universal, que corresponde a uma resposta educativa a uma demanda de vida, de sobrevivência, uma resposta à problematização gerada na indagação propositiva de como viver harmonicamente com a natureza, com o outro e consigo mesmo.

Como coloca Gadotti(2000), a Ecopedagogia nascida do movimento articulado com as questões mais amplas da luta pela sustentabilidade, origina-se mais do que de estudos teóricos, preponderantemente dos espaços e experiências de fora da escola, constitui-se, portanto numa proposição educativa que vai além das aprendizagens restritas ao espaço escolar. Compreendida tanto como movimento pedagógico, que é também um movimento social e político, como abordagem curricular, implicada na reorientação dos currículos escolares, sobretudo na EJA, comumente carente de uma concepção e prática voltada para suas reais necessidades e características.

E é na busca desse caminhar com sentidos que se faz necessário enveredar por conceitos significativos como ecologia, sustentabilidade, cotidianidade, planetaridade, dentre outros, na trilha da formação para a cidadania planetária, fundamental para todos, em nossa abordagem especialmente para os sujeitos da EJA. Sujeitos esses, portadores de saberes mergulhados de sentidos de vida vivida, carentes de uma vida com maior qualidade, como todo e qualquer cidadão do planeta, mas também carentes de aprendizagens que os capacitem a saber viver de forma mais consciente e harmônica.

Conscientes da escolha extremamente desafiadora, não somente por uma trilha ainda numa caminhada inicial, mas também pela complexidade de uma ação que exige a participação consciente e coletiva, entendemos ser o caminho, o próprio caminhar e lembramos Freire (2011) ao colocar que, à medida que a problematização avança, os sujeitos se tornam mais capazes de desvelar o objeto, podendo assim responder com uma prática de transformação. E o desvelamento é resultante da procura pelo saber mais, do processo de conhecimento e conscientização.



A mudança desejada, a transformação legítima será conquistada no contínuo processo da reflexão–ação-reflexão, vivenciado na coletividade, com a participação de todos, no engajamento consciente de somos habitantes de uma só casa, pertencente a todos como cidadãos do planeta, implicando em responsabilidades e benefícios a serem divididos de forma mais harmônica e justa do que têm sido.

Nessa caminhada, vale registrar fatos e atos históricos que, além de se constituírem em marcos significativos representaram passos evolutivos na trajetória da Educação Ambiental à Ecopedagogia, como:

- a Confederação das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO 92) – também chamada de cúpula da Terra; reunião entre muitos países para discutir a sobrevivência do planeta.
- o Fórum Global 92 – promovido por entidades da sociedade civil de muitos países que aprovaram a Carta da Terra ou Declaração do Rio.
- A Carta da Terra – declaração de princípios globais propondo a articulação entre a sustentabilidade ambiental e o desenvolvimento.
- a Agenda 21 – produzida pela Conferência das Nações Unidas, correspondendo a um detalhado programa de ação comprometido com a preservação da vida no planeta.
- Rio 5 – fórum realizado na cidade do Rio de Janeiro, 1997, no qual foram retomados os tratados assinados em 1992, avaliando baixos resultados e a necessidade de ações mais práticas.

Conhecer sobre estes e outros passos, compreendendo a interligação entre eles, significa muito mais do que informar-se das suas proposições, ideias, alternativas, acordos, para neles se engajar, mas, principalmente, a possibilidade de acreditar nos “inéditos-viáveis” e nas “utopias possíveis” e internalizar experiências e aprendizagens que, verdadeiramente, gerem um processo de humanização capaz de construir um mundo melhor para todos.

DIANTE DAS “SITUAÇÕES-LIMITES”, “ATOS-LIMITES” COMO RESPOSTAS TRANSFORMADORAS



No “pronunciar o mundo” saber-se capaz de agir para sua mudança e transformação, entendendo, na concepção freireana, elementos fundamentais nesta vivência coletiva pautada na horizontalidade dos saberes: o amor ao mundo e aos homens, como ato de coragem, de compromisso, de liberdade, calcado na premissa da igualdade; a fé nos sujeitos, na sua vocação de ser mais; a humildade, no saber-se tão humano como os outros, buscando o saber mais na comunhão; a esperança, na essência da imperfeição que leva a uma permanente busca.

E, assim, diante das situações limites pertencentes e constituintes da realidade histórica, optar pelo diálogo, sustentado pela problematização e pela busca do saber mais no percurso da investigação e da pesquisa, contrapondo-se a posturas deterministas ou conformistas, e sim, imbuídos do esperar que impulsiona ao engajamento e o compromisso com as mudanças paradigmáticas propositivas de mudanças para um mundo mais justo, mais igualitário, mais democrático, mais humano, mais sustentável, através de atitudes e práticas para:

- Experienciar o Círculo de Cultura enquanto proposta metodológica cultural e política, vivência educativa e dialógica e suas possibilidades de articulação de diálogos fundamentados na Ecopedagogia e de intervenção na vida cotidiana dos sujeitos da EJA enquanto cidadãos planetários.
- Buscar cada vez mais aproximar-se das especificidades da EJA e nela atuar. Utilizar diálogo, em todo o percurso, destacando-o como eixo, na constituição e proposição do processo educativo, ou melhor, da própria vida numa visão planetária.
- Construir uma aprendizagem com sentidos voltados para a vida cotidiana, vivenciando a Ecopedagogia como um novo paradigma em educação capaz de contribuir para um processo de conscientização e transformação.

Entendemos que o mundo globalizado coloca diante de nós muitas “situações-limites”. A estas, como aponta Romão (2011) podemos “responder com atos-limites” que são as respostas transformadoras. O Círculo de Cultura pode ser uma delas, mas só será possível aprendê-lo no seu fazer, vivenciando-o. Nesse contexto, a “utopia



possível” e o “inédito-viável” poderão significar para os sujeitos da EJA a construção da cidadania planetária.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, Valdo. **Formação de Professores para Educação de Jovens e Adultos**. 5.ed. Petrópolis,RJ :Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural**. 2011. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 2014. 56 ed. rev. e anual. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. Educação de Adultos algumas reflexões. *In*: GADOTTI, Moacir.; ROMÃO, José Eustáquio. **Educação de Jovens e Adultos**: teoria, prática e proposta. 12.ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LOUREIRO, Carlos Frederico B.; FRANCO, Jussara Botelho. Aspectos Teóricos e Metodológicos do Círculo de Cultura: uma possibilidade pedagógica e dialógica em educação ambiental. *In*: LOUREIRO, Carlos Frederico B.; TORRES, Juliana Rezende (orgs). **Educação Ambiental**: dialogando com Paulo Freire. 1 ed. – São Paulo: Cortez, 2014.

ROMÃO, J. Eustáquio. RODRIGUES, V. Lane. **Paulo Freire e a Educação de Adultos**: teoria e práticas. São Paulo: IPF; Brasília: Liber Livro, 2011.